

Universidades Lusíada

Chaves, Mário João Alves, 1965-

Magia da arquitetura

<http://hdl.handle.net/11067/8223>

<https://doi.org/10.34628/4Y6B-3164>

Metadados

Data de Publicação

2025

Resumo

O texto propõe uma leitura simbólica e histórica da arquitetura enquanto expressão da civilização e manifestação da venustas, articulando ética, estética e espiritualidade. Partindo de uma visão metafísica da criação, o autor descreve a evolução das idades da Beleza, da Força e da futura Sabedoria, relacionando-as com momentos-chave da história ocidental — da Grécia clássica ao Renascimento, do Gótico à era industrial e ao surgimento dos arranha céus. A arquitetura é apresentada como instrumento...

The text offers a symbolic and historical reflection on architecture as an expression of civilization and a manifestation of venustas, intertwining ethics, aesthetics, and spirituality. Starting from a metaphysical view of creation, the author traces the evolution of the Ages of Beauty, Force, and the forthcoming Age of Wisdom, connecting them to key moments in Western history—from classical Greece to the Renaissance, from Gothic architecture to industrial modernity and the rise of skyscrapers. ...

Tipo

bookPart

Editora

Universidade Lusíada Editora

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-30T02:06:05Z com informação proveniente do Repositório



MÁRIO CHAVES¹

CITAD – Universidade Lusíada, Lisboa

arquitetochaves@gmail.com | [0000-0002-4707-116X](https://orcid.org/0000-0002-4707-116X)

A MAGIA DA ARQUITETURA

THE MAGIC OF ARCHITECTURE

10.34628/4Y6B-3164

Resumo: O texto propõe uma leitura simbólica e histórica da arquitetura enquanto expressão da civilização e manifestação da venustas, articulando ética, estética e espiritualidade. Partindo de uma visão metafísica da criação, o autor descreve a evolução das idades da Beleza, da Força e da futura Sabedoria, relacionando-as com momentos-chave da história ocidental — da Grécia clássica ao Renascimento, do Gótico à era industrial e ao surgimento dos arranha céus. A arquitetura é apresentada como instrumento de identidade, poder e transcendência, capaz de moldar o cidadão e refletir o espírito de cada época. No horizonte, defende-se que a beleza continuará a ser o elemento redentor da construção humana, mesmo perante desafios de sustentabilidade, tecnologia e expansão para além do planeta.

Palavras-chave: Teoria da Arquitetura | Venustas | Civilização | História da arquitetura | Arranha céus | Estética e ética | Idade da Beleza / Força / Sabedoria.

Abstract: The text offers a symbolic and historical reflection on architecture as an expression of civilization and a manifestation of venustas, intertwining ethics, aesthetics, and spirituality. Starting from a metaphysical view of creation, the author traces the evolution of the Ages of Beauty, Force, and the forthcoming Age of Wisdom, connecting them to key moments in Western history—from classical Greece to the Renaissance, from Gothic architecture to industrial modernity and the rise of skyscrapers. Architecture is portrayed as a tool of identity, power, and transcendence, shaping citizens and embodying the spirit of each era. Looking ahead, the author argues that beauty will remain the redeeming force of human construction, even amid challenges of sustainability, technology, and the prospect of building beyond Earth.

Keywords: Architecture Theory | Venustas | Civilization | Architectural history | Skyscrapers | Aesthetics and ethics | Age of Beauty / Force / Wisdom.

¹ Arquiteto, Mestre e Doutor pela Universidade Lusíada de Lisboa em 2011, com a tese “A Utilidade dos Objetos de Arquitetura na Sociedade de Informação”. Cultiva o Flexiexistencialismo como atitude e modo capacitante de estar na vida. Perito avaliador de bens imóveis e direitos reais. Redator de resenhas de livros na Revista ARQA. Coorde-

nador de coletâneas de textos integradas no centro de Investigação – Flexiexistencialismo integrado no centro de estudos de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Lusíada. Cavaleiro da Ordem de Malta e da Ordem de São Maurício e São Lázaro da Casa de Sabóia.



Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Original Texto submetido à plataforma de deteção de similaridade e plágio ORIGINAL.

Os textos que constituem esta obra seguem, por decisão dos respetivos autores, a antiga ou a atual grafia.

O conteúdo desta obra é da exclusiva responsabilidade dos seus autores e não vincula a Fundação Minerva | Universidade Lusíada.

A MAGIA DA ARQUITETURA

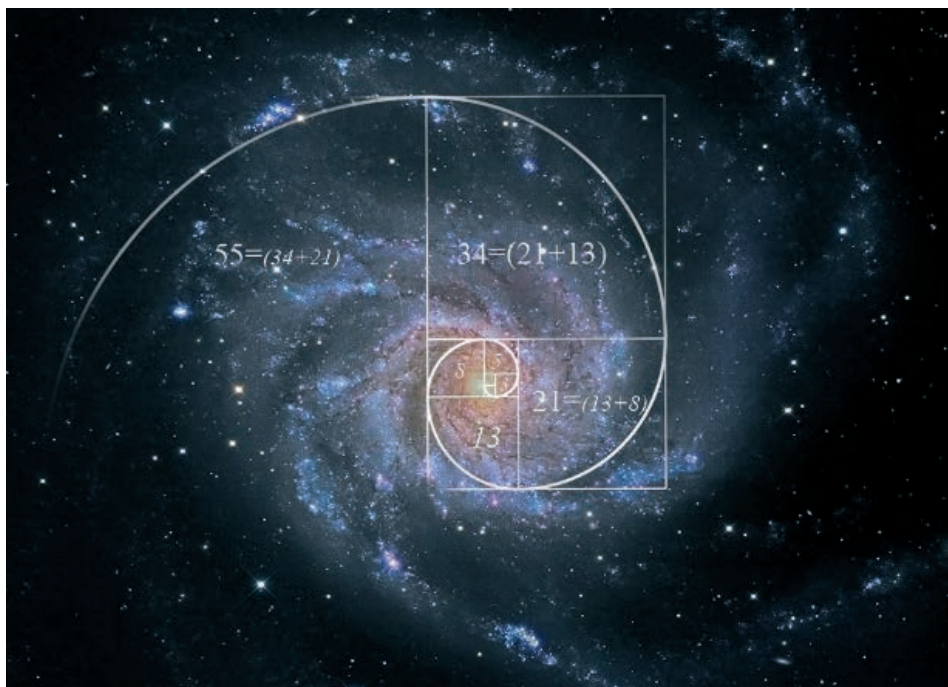
No princípio era o Verbo [vontade] e o verbo estava com Deus [o Criador], e o verbo era Deus.

Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens.

Evangelho segundo São João, capítulo 1



O Criador, criou tudo, numa matemática pura, eloquente, disciplinadora, consequente.

Mas no seu conhecimento pleno e na sua vontade, criou o universo, a natureza, o homem, mas não criou a civilização, porque essa realidade é artificial, do domínio do virtual; essa era a prova reservada à sabedoria; o Criador permitiu-nos a aprendizagem de reconhecermos a árvore do conhecimento e de a provarmos; A árvore da sabedoria ficou vedada, evidentemente.

A civilização como a conhecemos, ter-se-á consolidada na península helénica, por Sócrates na definição da sociedade, Platão na consolidação da moral e Aristóteles na estruturação da ética e na afirmação do Mundo e do Lugar. A aventura épica da Mundialização começa aqui; Alexandre, o Grande vai testar a grande teoria de expandir o Mundo a partir da fundação do lugar a partir da identidade, afirmando a plenitude

de que o Mundo se vai sobrepor paulatinamente a natureza inocente que se entregou virgem.

Roma percebeu o legado extraordinário e fundou todas as cidades a partir deste princípio de que a ética individual pode conduzir à conduzir a moral; a cidade molda o cidadão, que quer ser civilizado, e promover a civilização para o bem dos outros, partindo do princípio de que o ditador [o que dita] deseja a felicidade civil dos outros cidadãos.

Cidade, cidadão, civilidade, civil, civilizado, tudo provém de Roma. a Imperial, aquela que aos confins quis expandir o Mundo, que Alexandre tinha sonhado, onde os cidadãos, todos se sentissem e desejassem ser romanos.

Os filósofos inventaram pela filosofia, a política, a arte do consenso e da vontade coletiva, o direito, a arquitetura deu o valor formal à civilização, criou as cidades, as instituições, as ágoras. O Mundo, sim o Mundo, civilizado teve um modo de organização, construção e legitimação. Marco Vitrúvio Pólio construiu e comentou os Princípio de Arquitetura, que em dez livros legitimou a ideia de que a Arquitetura é o modo basilar de dar expressão ao mundo civilizado; discutível e polémico, mas não parece ter podido ser de outro modo.

E numa triangulação necessária e basilar, entendeu que para além de toda a construção que o império já conhecia e legitimava, seria a Venustas que a dignificava, lhe conferia a identidade necessária, o conforto e o valor da arquitetura imperial.

A Venustas – beleza – identidade – vaidade, é a grandeza que transforma a construção qualificada, sólida, segura, funcional e útil; é o sal da vida, a magia da invenção.

ARCHITECTURA IN URBI ET ORBI

Um segundo momento determinante acontece, quando após a determinada Idade Média, a construção de liberta dos limites pesados da alvenaria e descobre que a forma liberta a possibilidade da luz, de modo a tornar tangível a intangibilidade do criador, fonte de toda a luz que irradia o universo e dá calor a civilização. O Abade de Suger em Saint Denis elevou-se a alturas a que só o divino por meio de finos filtros almejava tocar os fiéis, que mais nele confiavam que na sua existência finita e maculada. O Gótico, dos Godos, almejou grandezas espirituais que a simplicidade de uma vida terrestre [ausente de Mundo] pelas invasões bárbaras que para o lugar da incivilidade remeteram todo um império que outrora se uniu em torno da Política e da Arquitetura. O gótico foi uma expressão ousada, que recuperou muito dos ensinamentos de Pitágoras e Euclides, nos traçados das construções; ambicionou forma, espaço e tempo celestial num apelo espiritual e grandiosidade anteriormente desconhecida.

A idade da Beleza é derradeiramente consolidada no [re]nascimento; Vitruvius ressuscita como o guia natural que guiará toda uma idade, várias gerações, a um patamar de materialidade e afirmação pessoal, que a linguagem plástica dos clássicos permitia afirmar que de novo o Mundo se poderia expandir para terras longínquas nunca agregadas ao olho do furacão que a Europa constituía – os 40 anos da idade moderna. Gerações de iluminados garantiram que o fim da idade da Beleza se iria personalizar nos mais notáveis exemplos que eram herdeiros de um passado com 15

séculos. Alberti, Miguel Ângelo, Bramante, Bernini, Borromini, Vasari, Sérlio, Palladio, foram os poderosos agentes transformadores, que conferiram a Venustas aos pesados edifícios renascentistas, maneiristas e barrocos.

Encerrado o grandioso período da Beleza, as formas das instituições estavam definidas e sustentadas, o Mundo estava tranquilo nas suas conquistas, ambições e colonizações, ansiando pelo surgimento de uma nova idade, que lhe desse ímpeto ao progresso, perante as potencialidades que o Criador tinha disponibilizado; tanto combustível armazenado, disponível e oferecido. Compreendeu-se o que o facto de haver um salto quântico entre uma sociedade baseada na utilização para a baseada na exploração, implicava uma (des) proporcionalidade intrínseca, para que todo o progresso em progressão aritmética ou geométrica, implica-se do mesmo modo a exploração dos recursos disponíveis.

O homem civilizado, na sua aventura inexorável de progresso, é necessariamente mercenário e abusador da inocência, passividade e bonança da natureza, que criada pacificamente, generosamente proporciona o combustível aparentemente sem fim a esta Idade da força, que se iniciou no fim da idade da beleza e que nos projetará ao Cosmos.

A tipologia desta nova idade da força, de consumo inimaginável de energia, é a fábrica, que se auto alimenta e fornece, sem fim, os elementos que alimentam outras cadeias de abastecimento, sem fim, num movimento perpetuo de produção, consumo, exploração, produção, consumo, desperdício, extração, transformação, consumo, ganância e lucro.

Esta idade da Força mesmo assim, exigindo para tudo uma explicação, permanece ainda com um lugar reservado ao acontecimento mágico. E a idade da Força em que sobretudo vinca a Utilitas e a Firmitas, engrandeceu-se por novos atributos de Venustas, que sobretudo se evidenciavam pela identidade e vaidade. A natureza viu-se avassaladoramente invadida por fábricas, que fabricam componentes para outras fábricas, que alimentam o consumo, gerado pela sede incessante de produção e consumo da energia.

A idade da Beleza recolhia a disponibilidade da natureza para transformar as matérias em Arquitetura; A idade da Força exige a transformação da natureza no seu legítimo interesse para o seu pleno distanciamento da natureza que lhes deu o caminho. Os edifícios da Idade da Força tendem a ser assépticos, complexos, incapazes de se relacionarem com a natureza.

O seu objeto icónico é a torre, que se materializa no Arranha-Céus; depois das fábricas, quais operários incessantes no labor da indústria, assumiram que também desafiariam os céus como as agulhas das torres góticas.

A torre de Babel, em si mesma era já uma indústria de muitas línguas, sem um algoritmo comum; foi necessário desmontar esse empreendimento que desafiava o Verbo e aguardar por um outro kairos que permitisse uma nova transcendência.

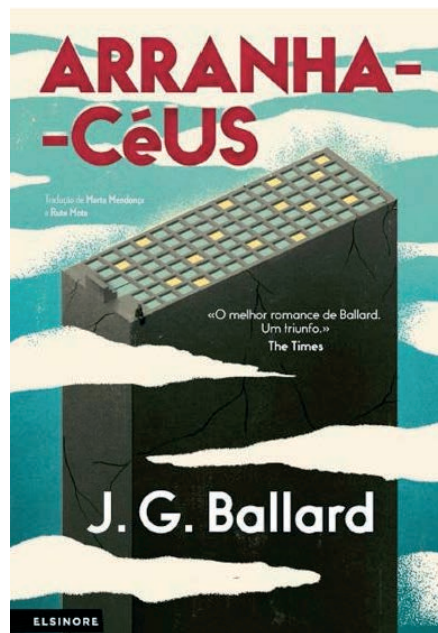
O kronos é semelhante a todo o solene passar do tempo, cada época tem o seu kairos e o aion, perene, pertence ao Verbo.

A idade da Força veio a reconhecer na torre do arranha-céus a aspiração fundamental da engenharia face ao milagre que cada obra de arquitetura constituía. Agora que os arranha-céus deixaram de constituir o logro milagroso, há que perguntar qual o efeito

que provocam no modelo que impuseram. Um assombro matemático e físico.

Os arranha-céus impuseram-se com os elementos que as fabricas produziam das matérias arrancadas à terra; é a noção de mundo a construir-se. Os arranha céus levantaram-se com os sistemas construtivos reticulados e autoportantes, os elevadores e a leveza do material; subir era também o lema do homem civilizado de citius, altius e fortius.

O arranha céus é o resultado atual de uma expressão máxima de poder, de ideia de progresso; o cruzamento de tendências de crescimento rápido, de oportunismo da globalização, de capital acumulado, de consumo desenfreado, num oportunismo desenfreado que tem gerado metrópoles incontroladas e incontroláveis; um caldo ideal para que os arranha céus alcançassem uma rápida difusão e maturidade. Os arranha céus, símbolo maior da idade da força, não querem resolver qualquer problema social, económico, espacial, nem resolver um programa compositivo, programático ou tipológico. O arranha céus tem tido sempre a capacidade de excitar a sobre humana vontade de superação. A vaidade.



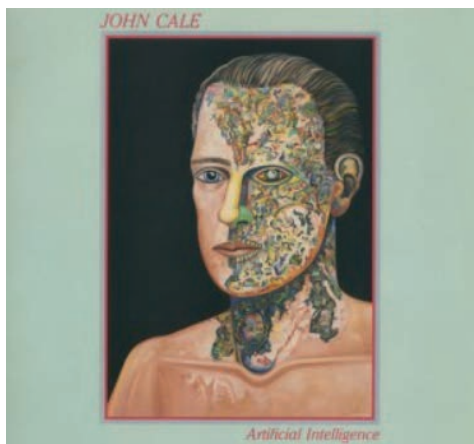
O conceito do arranha céus passa também pela vontade de controlar as necessidades sociais por uma cidade vertical, plena da valorização do poder no topo e todas as restantes hierarquias de riqueza num único objeto.

Na idade da Força tudo parece ser possível e inevitável; o conforto da vida civilizada, asséptica, sofisticada, contrasta com a falta de sustentabilidade a que devemos a toda a natureza que permitiu esta ascensão aos céus; a própria incapacidade de um ponto de riqueza extrema não podermos difundir o princípio da beleza que a arquitetura transmite. Haja vaidade, que não é pecado mortal algum, e possamos difundir toda a venustas por ricos e pobres.

A sustentabilidade, tema de crescente interesse, não pela defesa dos venenos invisíveis que se nos são oferecidos em troca da satisfação material, malogradas benfeitorias civilizacionais que o progresso oferece, deixa-nos o desconforto de não estarmos preparados para provarmos os frutos da árvore da sabedoria, reservada desde sempre para outros, que aparentemente ainda não conhecemos, ou os que já encontraram a felicidade. Por agora devemos apreender a viver mais sossegadamente, mais controladamente, difundido pelo fundo de pobre e riscos, a noção da finitude, sem que, contudo, tenhamos a soberba, de uns serem mais merecedores que outros. Um mundo todo igual, no atual processo de extração, consumo e desperdício, é inviável para as próximas gerações ainda deste século. Catastroficamente, parece haver alimento suficiente para todos; já os recursos exigidos para que o progresso almejado aconteça, parecem estar finitos. Já o metano e os carbonos crescem sem cessar. Mas são invisíveis.

Na idade da sabedoria, a venustas da arquitetura será a cura para a banalidade, a violência da construção para uma população que cresce, na reconstrução das guerras e cataclismos [como preconizou Labeuus Woods na sua reconstrução plástica da beleza perdida] para necessidades e consumos imensuráveis que só serão inteiramente satisfeitos na partida e exploração dos recursos cosmológicos.

Quem dará forma aos espaços espaciais a habitar, a viver; estará a arquitetura condenada a ser a arte do planeta que a descobriu. A venustas não é exclusiva do Mundo, e no cosmos não poderá ser apenas o campo inóspito e inusitado da Utilitas e da Firmitas.



Não será a engenharia que será redentora, nem a tecnologia, nem a inteligência artificial nem a burótica, nem a internet das coisas, que farão a epifania da construção do mundo, enquanto nos seduzem e inebriam facilmente com o barulho das luzes.

Será a beleza a redentora da toda a forma da civilização e enquanto assim for, a arquitetura será necessariamente vaidosa.